

CAPÍTULO 1

HISTÓRICO DO MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL NO BRASIL

ALDERI SOUZA DE MATOS

Como o próprio nome indica, o movimento neopentecostal se insere no âmbito do movimento mais amplo que lhe deu origem, o pentecostalismo, que originou-se nos Estados Unidos nos primeiros anos do século 20.¹ Pouco tempo depois, o movimento chegou ao Brasil. Quase que simultaneamente, duas igrejas pentecostais iniciaram suas atividades em solo brasileiro, uma no sul e a outra no norte do país. Em poucas décadas, esse movimento haveria de transformar de modo permanente e profundo a face do protestantismo nacional.

Em um ensaio relativamente recente sobre o pentecostalismo brasileiro, Paul Freston observa que a história desse movimento pode ser dividida em três “ondas” de implantação de igrejas.² A primeira onda iniciou-se na década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã no Brasil (1910) e da Assembleia de Deus (1911). A Congregação Cristã foi fundada pelo italiano Luigi Francescon (1866-1964), que emigrou para os Estados Unidos, converteu-se ao

1 Para as origens teológicas e históricas do pentecostalismo norte-americano, ver Donald W. Dayton, *Theological Roots of Pentecostalism* (Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1987).

2 Paul Freston, Breve História do Pentecostalismo Brasileiro, em Alberto Antoniazzi e outros, *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo* (Petrópolis: Vozes, 1994), p. 70-71.

evangelho, tornou-se um dos fundadores da Igreja Presbiteriana Italiana, em Chicago, e eventualmente foi alcançado pelo nascente movimento pentecostal. Chegou ao Brasil em 1910, em resposta a uma profecia para que levasse a obra pentecostal aos seus patrícios. Iniciou as suas atividades entre imigrantes italianos residentes em São Paulo e Santo Antônio da Platina, no Paraná. Já a Assembleia de Deus brasileira resultou dos esforços de dois suecos de origem batista, Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1885-1963), que igualmente emigraram para os Estados Unidos e foram alcançados pelo movimento pentecostal na cidade de Chicago. Os dois obreiros fixaram-se em Belém do Pará, onde passaram a frequentar a igreja batista, cujo pastor também era de nacionalidade sueca. Alguns meses mais tarde, a mensagem pentecostal de Vingren e Berg produziu um cisma na igreja, surgindo assim o primeiro grupo da nova denominação.

Essas igrejas virtualmente dominaram o campo pentecostal durante 40 anos, pois as suas rivais eram poucas e inexpressivas.³ Das duas pioneiras, a Assembleia de Deus foi a que mais se expandiu numérica e geograficamente, a ponto de ser praticamente a única expressão do protestantismo em alguns estados do norte.⁴ A Congregação Cristã no Brasil, após um período em que ficou mais limitada à comunidade italiana, sentiu a necessidade de assegurar a sua sobrevivência por meio do trabalho entre os brasileiros.⁵ Após um crescimento inicial rápido, foi ultrapassada pela Assembleia de Deus no final dos anos 40.

3 Fazendo um levantamento do protestantismo brasileiro em 1931, Erasmo Braga curiosamente menciona apenas de passagem as igrejas pentecostais. Todavia, os dados estatísticos que aduz ao final do livro mostram que a Assembleia de Deus já despontava como uma das principais denominações presentes no país. Erasmo Braga e Kenneth G. Grubb, *The Republic of Brazil: A Survey of the Religious Situation* (Londres: World Dominion Press, 1932), p. 69, 101s, 141.

4 Freston faz uma observação interessante sobre a Assembleia de Deus: no período em questão (1910-1950), ela tornou-se a igreja protestante nacional por excelência, sendo a única grande igreja evangélica a implantar-se e irradiar-se fora do eixo Rio-São Paulo. Breve História, p. 70-71.

5 Escrevendo em 1952, o professor Émile-G. Léonard opinava haver nas Congregações Cristãs “uma profunda fraqueza, que faz com que não as possamos considerar absolutamente protestantes” – o limitado papel reservado à Bíblia. *O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Eclesiologia e História Social*, 2ª ed. (São Paulo: JUERP/ASTE, 1981), p. 350.

A segunda onda pentecostal ocorreu na década de 50 e início dos anos 60, quando o campo pentecostal se fragmentou e surgiram, entre muitos outros, três grandes grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), todas elas acentuando de maneira especial a cura divina. Essa segunda onda começou quando a urbanização e o surgimento de uma sociedade de massas possibilitam um crescimento pentecostal que rompeu com as limitações dos modelos existentes, especialmente em São Paulo. Freston argumenta que o estopim foi a chegada da Igreja Quadrangular, com seus métodos arrojados, forjados precisamente no berço dos modernos meios de comunicação de massa, a Califórnia do período entre as duas guerras mundiais.⁶ Todavia, quem lucrou com o novo modelo, no primeiro momento, não foi a Igreja Quadrangular, excessivamente estrangeira, e sim, a sua criativa dissidência nacionalista, a Igreja O Brasil para Cristo.

A Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada nos Estados Unidos pela controvertida evangelista Aimee Semple McPherson (1890-1944) e chegou ao Brasil através do missionário Harold Williams, um ex-ator de filmes de faroeste, que fundou a primeira igreja em novembro de 1951, em São João da Boa Vista, São Paulo. Em 1953 teve início a Cruzada Nacional de Evangelização, sendo Raymond Boatright o principal evangelista. Desde então a Igreja Quadrangular tem crescido constantemente, sendo uma de suas peculiaridades a forte ênfase dada ao ministério feminino.⁷

Um dos primeiros pastores da Igreja Quadrangular brasileira foi um ex-evangelista da Assembleia de Deus chamado Manoel de Mello. Em 1956, ele separou-se da Cruzada Nacional de Evangelização, organizando a campanha “O Brasil Para Cristo,” da qual eventualmente surgiu a igreja de mesmo nome. Manoel de Mello surpreendeu o mundo evangélico em 1969, quando filiou a sua igreja ao Conselho Mundial de Igrejas, filiação essa que perdurou até 1986.⁸

6 Freston, Breve História, p. 72.

7 Duncan Alexander Reily, *História Documental do Protestantismo no Brasil*, 2ª impr. rev. (São Paulo: ASTE, 1993), p. 388-91.

8 *Ibid.*, 376-78; Freston, Breve História, p. 124-25. Freston opina que a filiação foi um “casamento de conveniências.” O CMI precisava de pentecostais e Manoel de Mello, embora discordasse da teologia do CMI, queria publicidade e auxílio para projetos sociais.

Em 1979, a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo inaugurou o seu gigantesco templo em São Paulo, sendo orador oficial Philip Potter, secretário-geral do CMI, e estando entre os presentes o cardeal arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns.⁹

Outra importante denominação da segunda onda pentecostal, a Igreja Deus é Amor, foi fundada por David Miranda (nascido em 1936), filho de um agricultor do Paraná. Vindo para São Paulo, converteu-se numa pequena igreja pentecostal e em 1962 iniciou a sua igreja em Vila Maria. Pouco depois, a igreja transferiu-se para o centro da cidade e em 1979 foi adquirida a “sede mundial” da Baixada do Glicério, um dos maiores templos evangélicos do Brasil, com capacidade para dez mil pessoas.¹⁰

A terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e ganhou força na década de 80. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), mas existem outros grupos expressivos como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), as Comunidades Evangélicas, Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Sara Nossa Terra, etc. Segundo Paul Freston, essas igrejas representam “uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo.”¹¹ A terceira onda começou após a modernização autoritária do país, principalmente na área das comunicações, quando a urbanização já atingia dois terços da população, o milagre econômico estava exaurido e iniciava-se a “década perdida” dos anos 80. A onda começou e se firmou no Rio de Janeiro economicamente decadente, com sua violência, máfias de jogo e política populista. O novo pentecostalismo, também denominado “pentecostalismo autônomo”¹² por alguns estudiosos, adaptou-se facilmente à

9 Reily, *História Documental*, pp. 378-79.

10 A Igreja Deus é Amor até hoje não utiliza a televisão, mas é proprietária de uma rede de emissoras de rádio e transmite os seus programas para toda a América Latina. Ver Leonildo S. Campos, *O Milagre no Ar: Levantamento de Técnicas Persuasivas num Programa Radiofônico em São Paulo*, *Simpósio – Revista Teológica da ASTE* 5/2 (dezembro de 1982).

11 Freston, *Breve História*, p. 71.

12 Nesse sentido, designa aqueles grupos pentecostais que surgiram fora das grandes denominações brasileiras, pentecostais ou protestantes, fundados e liderados por empreendedores religiosos que preferiram estabelecer-se por conta própria, sem vínculos, inclusive, com missões

cultura urbana influenciada pela televisão e pela ética *yuppie*. Uma das características do movimento é o uso inteligente dos meios de comunicação de massa, nacionalizando um pentecostalismo bem-sucedido nos Estados Unidos.¹³

Uma importante precursora dos grupos neopentecostais foi a Igreja de Nova Vida, fundada pelo canadense Robert McAlister, que rompeu com a Assembleia de Deus, em 1960. A Nova Vida foi pioneira de um pentecostalismo de classe média, menos legalista, e investiu fortemente na mídia. Foi também a primeira igreja pentecostal a adotar o episcopado no Brasil. Sua maior contribuição foi ter sido um “estágio” para futuros líderes. Trabalhou com homens um pouco mais cultos e conhecedores do mundo que os líderes da primeira e segunda ondas, e sugeriu-lhes um modelo pentecostal mais culturalmente solto. Deu-lhes também uma formação indispensável para que se tornassem independentes: segundo um ex-pastor, “a primeira coisa que aprendi na Nova Vida foi como levantar uma boa oferta.”¹⁴ Em sintonia com isso, a mensagem devia ser sempre positiva. Era o transplante do que havia de mais recente na religião americana, no estilo dos novos pregadores televisivos. A Vida Nova foi berço de três grupos da terceira onda: a IURD, a Igreja Internacional da Graça de Deus (fundada por Romildo R. Soares, cunhado de Edir Macedo, após um cisma na IURD) e a Igreja Cristo Vive.

Uma influência significativa na Igreja de Vida Nova e no surgimento do movimento neopentecostal como um todo foi a incipiente renovação carismática norte-americana. Esse movimento surgiu de modo distinto no início dos anos 60 com a ocorrência de fenômenos pentecostais fora das estruturas denominacionais do pentecostalismo clássico, ou seja, nas chamadas igrejas históricas e em grupos não denominacionais.¹⁵ No Brasil, a chamada “renovação”

estrangeiras. Ver Leonildo Silveira Campos, *Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal* (Petrópolis e São Paulo: Vozes/Simpósio/UMESP, 1997), p. 18.

13 Leonildo Silveira Campos, Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximações e Conflitos, em *Na Força do Espírito: Os Pentecostais na América Latina – Um Desafio às Igrejas Históricas* (São Paulo: Pendão Real, 1996), p. 84.

14 Freston, Breve História, pp. 132-33.

15 Ver Charismatic Movement, em Stanley M. Burgess e Gary B. McGee, eds., *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements* (Grand Rapids: Zondervan, 1988), p. 130.